

Perversão ou “posição perversa”?

Caminhos para a construção de uma hipótese diagnóstica

Maria Claudia Formigoni

O caso que será apresentado trouxe, a partir de dificuldades na direção do tratamento, questões para pensar a perversão na infância. Sabe-se que o estabelecimento de uma hipótese diagnóstica quando se trata de uma criança é algo polêmico dentro do campo psicanalítico, aspecto que produz ainda mais controvérsias ao se abordar a perversão na infância. Como o objetivo deste trabalho não é realizar um levantamento de todas as posições, relativas a essa questão, que circulam no âmbito da psicanálise, é importante esclarecer de onde se parte para construir a hipótese diagnóstica apresentada.

Considera-se aqui que a “criança é suposto sujeito” (SAURET, 1997, p. 63). O sujeito é um efeito de linguagem, correlato à estrutura do inconsciente, cuja manifestação se dá no instante de uma pulsação que se faz reconhecer, por exemplo, como um tropeço produzido na cadeia significante. Esse sujeito sobre o qual opera a psicanálise é sem substância, não se desenvolve e não tem idade. Supera-se, assim, a separação criança/adulto, não havendo, em termos analíticos, distinção entre eles. Isso significa que a criança é um ser falante igualmente dividido pelo significante e pelo gozo.

A esse sujeito atribui-se uma pergunta a respeito do lugar que ocupa na ordem simbólica. Está aí o que interessa à psicanálise: pensar a constituição do sujeito dentro da estrutura edípica composta por quatro elementos (criança, mãe, falo e pai), que são as ferramentas com as quais a criança pode, e deve, operar a fim de se posicionar na ordem da linguagem à qual é assujeitada por estrutura. O complexo de Édipo é, portanto, a forma como cada sujeito subjetiva o interdito que lhe é imposto de saída, isto é, a impossibilidade de acesso ao gozo. “A análise com criança incidirá, como para o adulto, sobre a forma como foi transmitido à criança o saber, o gozo e o objeto” (*Ibid.*, p. 42), já que, como postulavam Rosine e Robert Lefort, trata-se de um analisante por inteiro.

No que se refere à perversão, sabe-se que há tendência de concebê-la como uma conduta patológica caracterizada por uma série de desvios em relação àquilo que é esperado e considerado aceitável. Estabelece-se uma oposição, pautada em aspectos fenomenológicos, entre perversão e normalidade. Perverso acaba, assim, por se tornar um adjetivo – usado como sinônimo de depravação, maldade, crueldade, frieza – que caracteriza de modo pejorativo e exerce certo julgamento moral tanto de indivíduos quanto de atitudes e comportamentos.

Por isso, pode-se pensar que seja tão difícil e, até mesmo, assustador o estabelecimento do diagnóstico estrutural de perversão, ainda mais quando se trata de uma criança. Esse diagnóstico costuma mobilizar o imaginário, trazendo à tona aquilo que circula socialmente a respeito dos indivíduos ditos perversos. Ao se tratar da clínica com crianças isso parece acentuar-se ainda mais, “graças à tendência que essa clínica provoca, de ‘ressuscitar’ os sentimentos do analista, embaraçado com sua própria fantasia de infância” (PRATES PACHECO, 2012, p. 260). Pode-se supor, assim, que a “fantasia de infância” que povoa o imaginário do analista oferece resistência ao diagnóstico estrutural de perversão na infância, pois dizer que uma criança é perversa opõe-se ao ideal de pureza e inocência que ainda circula em relação à infância.

A estrutura perversa, porém, não designa, uma conduta e/ou um desvio de caráter. Trata-se de um modo de estabelecimento de laço com o Outro. Assim como a neurose e a psicose, a perversão é uma modalidade de resposta ao confronto com a diferença sexual e com a falta do Outro. É preciso, além disso, lembrar que a estrutura, o significante e a relação com o Outro não concernem de maneira diferente à criança e ao adulto (SAURET, 1997). Como afirma Peusner (2016), na clínica com crianças também não há proporção sexual e é preciso investigar o modo como cada criança lida com isso, o que só é possível sob transferência. É apenas na relação transferencial que se pode verificar o modo de resposta de um sujeito para a falta do Outro. Assim sendo, passemos ao caso clínico em questão.

*

No *Seminário 4* (1956-57/1995, p. 359), Lacan faz a seguinte afirmação a respeito da reação de Hans ao ver as calcinhas da mãe:

O essencial é o seguinte: as calças em si mesmas estão ligadas para Hans a uma reação de repulsa. Mais que isso, o pequeno Hans pediu que se escrevesse a Freud, dizendo que quando viu as calças, ele havia cuspidido, caído no chão e depois fechara os olhos. É por causa desta reação que a escolha está feita: o pequeno Hans jamais será um fetichista. Se ele houvesse

reconhecido, ao contrário, essas calças como seu objeto [...] ficaria satisfeito com elas, e se teria tornado fetichista, mas como o destino quis outra coisa, o pequeno Hans fica repugnado pelas calças. Só que ele explica que, quando a mãe as usa, a coisa é outra. Aí elas não são mais repugnantes, em absoluto. Aí está toda a diferença. Ali onde elas poderiam se oferecer a ele como objeto, quando as calças estão ali em si mesmas, ele as rejeita. Elas só conservam sua virtude, se assim podemos dizer, estando em função, ali onde ele pode continuar a sustentar o engodo do falo.

Evidencia-se nesse trecho que Lacan estabelece relação clara entre a repugnância, a não escolha das calcinhas como objeto e o conseqüente fato de Hans não ser um fetichista. Foi dessa relação que parti para construir a hipótese do diagnóstico estrutural de um menino de cinco anos que recebi no consultório.

Seus pais suspeitavam que ele tivesse alguma dificuldade orgânica que o impedia de usar o banheiro, pois “só fazia na fralda”. Nunca usara penico ou vaso sanitário. Após a realização de uma série de exames, nenhum dos médicos procurados encontrou algo orgânico que pudesse justificar o uso da fralda. Então, sem saber o que fazer e “por falta de opção”, os pais seguiram a orientação de levar o filho a um psicólogo.

Durante as entrevistas preliminares, a mãe mencionou que o uso da fralda poderia ter “outro motivo”, mas isso não lhe fez questão. O pai, por sua vez, apontou alguns aspectos do filho que o preocupavam: não se vestir nem tomar banho sozinho e só sair de casa com uma sacola de roupas, fraldas e mamadeiras, preparada pela mãe. Diante de tais colocações, ela falou que o menino era seu “bebê” e que também se preocupava com uso da fralda, dizendo não deixar “faltar, pois ele fica muito angustiado quando não tem”.

Foi com esse panorama que recebi para as primeiras entrevistas um menino que se apresentou contando não ter medo de nada e gostar de brincar de esconder. Esconder-se, me esconder, esconder os objetos da sala, esconder os brinquedos... E a fralda, escondia algo? A única vez que abordou de modo explícito o uso da fralda, disse não entender a preocupação dos pais. Não escondia deles que estava determinado a usar fralda mesmo quando adulto, pois sabia que “existem fraldas de gente grande”. Não sentia vergonha de usá-las e tampouco nojo das fraldas sujas.

Além das brincadeiras de esconder, ele realizava sistematicamente nas sessões atividades nas quais ficava explícito que estava às voltas com a questão da diferença sexual. Dividia a lousa ao meio, desenhava coisas de menino de um lado, coisas de menina do outro e, em seguida, apagava tudo. Jogava Mico agrupando os pares não por formarem um casal (macho e fêmea), mas por terem números iguais. Ele

lia os pequenos números impressos nas cartas, e não a diferença sexual. Também dividia entre mim e ele o tabuleiro de um jogo, a fim de ver quem tinha e quem não tinha certa peça. Dizia: “se eu tenho, você não tem” ou “se eu não tenho, você tem”.

Certa vez, após afirmar, sem pudor algum, que gostava de usar vestidos e de fingir que tinha cabelos longos, pegou duas cartas do jogo do Mico: rata e rato. Disse haver só uma “diferencinha” entre os dois, já que todas as letras eram iguais, menos A e O. Quando questionei sobre isso, comentou que não era diferença, e sim algo errado: “O o é errado. Tinha que ser só a”. Aponta o rabo do rato e diz: “Olha aqui! É a coisinha errada!”. Assinalei se seria a “coisinha” errada que tentava esconder com a fralda. Ele riu.

Sabia sobre a diferença sexual, mas a negava. Nesse sentido, o uso da fralda não era mesmo uma questão para ele. Estava satisfeito com a eleição desse objeto que, mesmo sendo uma solução temporária, evitava que se angustiasse e lhe facilitava a vida de alguma forma. A fralda, algo unissex, funcionava como um fetiche, tampando o lugar onde poderia se localizar a distinção entre os sexos, a diferença entre ter e não ter.

Segundo Freud, o menino se recusa a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mãe não tem pênis e desmente isso que constatou. A percepção, porém, fica presente e é preciso empreender uma ação muito enérgica para manter o desmentido (FREUD, 1927/2006). Assim, com a ajuda do deslocamento, o conteúdo desagradável relativo à percepção da ausência de pênis na mulher chega à consciência sob a condição de ser negado e como um substituto.

Não é verdade que, depois que a criança fez sua observação da mulher, tenha conservada inalterada sua crença de que as mulheres possuem um falo. Reteve essa crença, mas também a abandonou. No conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso [...] Sim, em sua mente, a mulher *teve* um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse dirigido a seu predecessor. Esse interesse sofre também um aumento extraordinário, pois o horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto (*Ibid.*, 1927/2006, pp. 156-157, *itálico do autor*).

O fetiche é um substituto do pênis da mãe em que o menino outrora acreditou e não quer abandonar. Esse objeto produzido para negar a castração é, ao mesmo tempo, uma marca de seu reconhecimento, pois a traz à tona de modo disfarçado. O fetiche, então, afirma aquilo que nega, fazendo com que saber e não querer saber possam coexistir.

Essa coexistência foi notável nas sessões seguintes àquela em que a “coisinha” errada foi evidenciada. Ele disse ter várias namoradas e “pegar todas as gatinhas do *play*”. Comentou também querer ser uma princesa, ter cabelos longos e usar vestidos cujas saias rodassem. Contou que tinha um pé menina e um pé menino, marcando a diferença entre eles com um elástico. Passava esse elástico de um pé ao outro, falando que, de acordo com sua vontade, podia fazer o pé menina virar menino e vice-versa.

Uma vez, ele disse: “pessoa tem pinto”. Questionei se pessoa era homem ou mulher, menino ou menina. Respondeu: “pessoa é pessoa e quem tem pinto é...”. A frase deixada incompleta foi concluída por mim: “menino, homem”. Ele, de modo assertivo, falou: “não! As coisas não funcionam assim! É pessoa!”. E continuou, dizendo ter um pinto. Assinalei que ele era um menino, afirmação seguida por um enfático “não! Eu sou bichinha”. Fez breve silêncio. Disse que sua cabeça estava confusa e dirigiu-me um pedido explícito de ajuda.

Algumas sessões depois, após recusar-se a entrar na sala e ameaçar a quebrar coisas, como já havia feito outras vezes, deixou a porta aberta e deitou. Ele disse que chamaria sua mãe, comentando gostar de que ela visse o que fazia lá dentro. Ou seja, rebolar como uma menina, completei. Levantou-se e foi chamar a mãe. Ela, conforme combinamos, se recusou a entrar, dizendo que só o faria quando eu mandasse. Bravo, protestou: “eu mando em todo mundo! Pai, mãe, avó, professora e aqui também”. Disse-lhe que não mandava, mas que gostaria de mandar. Ao que respondeu: “um dia, quando eu for papaimamãe, vou mandar. Meninoa”. Quando questionado, diz: “meninoa: meninomenina. Eu sou os dois!”.

Ele, de fato, sabia sobre a diferença sexual, mas se devotava a negá-la. Recusava também assumir uma posição. Era como se, conforme sua vontade, pudesse ser menino, menina e, como ele preferia, os dois. Nesse sentido, seu pedido de ajuda não parecia vinculado a uma dúvida relativa à diferença sexual, e sim a uma forma de ajudá-lo a manter a negação dessa diferença e, conseqüentemente, poder ser os dois sexos.

Freud (1925), em *A negativa*, salienta que é essencial que haja, primeiramente, uma afirmação (*Bejahung*) para a ocorrência de uma negação (*Verneinung*), a qual evidencia que se aceita certa forma de saber sobre a castração. Freud estabelece também uma conexão entre o recalque (*Urverdrängung*) e a negação (*Verneinung*), evidenciando que a percepção desagradável que o primeiro barra pode chegar à consciência com a condição de ser negada, seja via *Verdrängung* (retorno do recalcado) ou *Verleugnung* (retorno do desmentido). Portanto, sem recalque e sem afirmação primordial, não há negação. A *Verneinung* é, assim, a negação própria à neurose e à perversão.

Na psicose, a realidade psíquica não pode ser significada com a marca do falo. Apesar de haver *Bejahung* primordial, não há, como nas demais estruturas, uma simbolização da castração. Então, o mecanismo que determina a psicose escapa

a qualquer possibilidade de afirmação do Nome-do-Pai e, conseqüentemente, a negação não pode existir. “O mecanismo que determina a psicose está fora do recalque significativo. Na psicose, a *Verwerfung* exclui toda a possibilidade de *Bejahung*, ou seja, afirmação primeira do Nome-do-Pai” (MARTINHO, 2011, p. 91).

Sendo assim, se no caso clínico em questão fica evidente um saber sobre a castração (*Bejahung* do Nome-do-Pai) e uma recusa – algo foi inscrito e algo recusado – é possível afirmar que se tratava ou de neurose ou de perversão. Mas qual o mecanismo de negação utilizado: *Verleugnung* ou *Verdrängung*?

A fim de dar continuidade à discussão faz-se importante, neste ponto, retomar a ideia do polimorfismo e do traço perverso, próprios à sexualidade. Para tanto, é válido voltar ao texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Freud inicia esse escrito descrevendo comportamentos sexuais considerados desviantes. Aborda também a gênese da sexualidade humana e termina o texto tratando a questão da escolha do objeto na puberdade. Freud fala de uma sexualidade que transcende os objetivos da procriação e possui objetos de satisfação variáveis, ou seja, muitas condutas que, à primeira vista, nada teriam a ver com atividades genitais podem ser consideradas sexuais. Essas práticas sexuais são encontradas tanto nos perversos quanto nas pessoas ditas normais. Sendo assim, estabelece-se o traço perverso da sexualidade como algo universal, que faz parte da constituição considerada normal. Para Freud, nessa época, as perversões seriam patológicas quando houvesse fixações e regressões da libido.

Além de estabelecer o traço perverso como algo inerente à sexualidade humana, Freud traz à tona a questão da sexualidade infantil. Ele afirma que considerar a pulsão sexual como estando ausente na infância é um grave equívoco. Conceber que a sexualidade nasceria apenas na puberdade seria, segundo o autor, a causa do desconhecimento a respeito das condições básicas da vida sexual e da ignorância quanto à importância da sexualidade infantil. A partir da conjugação entre sexualidade e infância, Freud introduz a ideia da “disposição perverso polimorfa” da criança, sobre a qual ele diz ser “impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversão algo que é universalmente humano e originário” (FREUD, 1905/2006, p. 180).

Há um polimorfismo que é próprio à sexualidade humana, bem como um traço perverso relacionado ao fato de essa sexualidade se afastar de uma ordem natural que restringiria o ato sexual à procriação. Portanto, Freud estabelece que a sexualidade é a mesma – polimorfa e perversa – para todos os humanos falantes, sejam eles adultos ou crianças. A partir disso, deve-se distinguir aquilo que é universal daquilo que se particulariza em uma tomada de posição a respeito da sexualidade. A disposição perverso-polimorfa que marca a sexualidade dos seres falantes não é o mesmo que a perversão enquanto estrutura, ou seja, quanto à posição subjetiva de um sujeito frente à castração do Outro.

“Nesse sentido, diante do caráter perverso-polimorfo da sexualidade, nem todas as crianças assumem a mesma posição. Algo se inscreve e algo se recusa, dando lugar ao que se pretende situar como *posições perversas na infância*” (IUALE; LUTEREAU; THOMPSON, 2012, p. 18, tradução nossa, itálico dos autores). Essas devem ser entendidas como traços fenomênicos ligados à sexualidade infantil, evidenciados, muitas vezes, em práticas e/ou encenações chamadas perversas. Isso é diferente da perversão enquanto modo como sujeito estabelece laço e responde a determinados aspectos vindos do campo do Outro, caracterizando determinada posição subjetiva que, como veremos, consiste em se fazer de instrumento do gozo do Outro.

Estabelecida essa importante diferenciação, pode-se voltar ao caso do “menino”. Fica evidente que ele negava a falta do Outro e que a fralda funcionava como um objeto fetiche. Essas constatações, contudo, não são suficientes para afirmar que se tratava de uma estrutura perversa, pois ainda não se sabe de qual mecanismo fazia uso para negar a castração. Por enquanto, parece cabível dizer que havia identificação feminina e que ele estava em uma “posição perversa”. Mas seria algo estrutural ou transitório? O fetiche funcionava como placa giratória ou era uma forma estrutural de gozo? Ele seria um fetichista ou estaria fazendo *actings* fetichistas?

Lacan (1953-54/1986, p. 245), logo no *Seminário I*, dá o nome de “perversão primária” àquilo que Freud chamou “perverso-polimorfo”, situando-a em uma dialética intersubjetiva imaginária. Essa dialética suporia sempre um terceiro elemento e estaria associada ao olhar, o que implicaria a ideia de mostração. Iuale, Lutereau e Thompson (2012), partindo dessa afirmação lacaniana, assinalam que a mostração perversa tem uma lógica distinta do *acting out* neurótico. Em ambas as estruturas, o ato põe em cena a dimensão do objeto *a*. Porém, na neurose, o sujeito tenta barrar o Outro para constatar sua própria posição desejante. Já na perversão o que se mostra é a tentativa sempre falida de reintegrar o gozo ao Outro, de fazer existir o gozo do Outro, causando sua divisão.

Há, assim, uma diferença entre neurose e perversão que passa não só pela forma como o sujeito se posiciona frente à castração, mas também pela estratégia de gozo que utiliza. “Talvez, a neurose pudesse ser pensada como o padecimento, do lado do sujeito, em relação ao lugar de onde o Outro o nomeia (...) O perverso parece não querer renunciar a esse lugar, respondendo ao capricho materno, que mais parece representar uma faceta de gozo” (IUALE; LUTEREAU; THOMPSON, 2012, p. 35).

Nas entrevistas com a mãe do “menino”, evidenciava-se sua dificuldade em lhe colocar limites. Atendia à maioria de seus pedidos, inclusive os relacionados ao uso de vestidos e cabelos longos, preparava mamadeira, dava banho e o vestia. Como dizia, não conseguia “deixar um buraco nele” porque, além de “muito gru-

dados”, ele era “exigente, frágil e não gostava de frustração”. Menciona que deixar de usar fralda seria uma perda para ele, mas nega que o seria também para ela.

Essa mãe, que consentia o uso da fralda, transmitia ao filho as coordenadas de localização subjetiva de “bebê”, “exigente”, “frágil” e incapaz de tolerar frustrações. Se ele sáisse desse lugar, necessariamente, castraria o Outro materno. Por sua vez, ficando nele, obturaria a castração da mãe. Ao que parecia, o “meninoa” estava situado em uma posição que corresponderia à segunda, identificando-se ao falo da mãe não como causa de desejo, mas como instrumento de gozo.

Lacan (1956-57/1995), no *Seminário 4*, tenta situar algumas coordenadas para estabelecer a perversão como tipo clínico. Ele assinala que a constituição de toda perversão deve ser abordada a partir do Complexo de Édipo e destaca que não é uma categoria do instinto ou das tendências. Introduce como primeiro ponto para distinguir neurose e perversão, a relação com a fantasia, construção que revela a posição estrutural do sujeito em relação à falta do Outro. Enquanto o neurótico identifica a falta do Outro com sua demanda, o perverso a identifica com significante do gozo. Em outras palavras, o perverso, “no lugar do gozo que falta no Outro, coloca o significante Φ , que é o significante produzido como significante do gozo, pelo fato de que o suporte imaginário do falo falta à mãe” (MARTINHO, 2011, p. 42). A perversão acentuaria, assim, aquilo que é uma função geral da fantasia: colocar um objeto no lugar do gozo.

A função da imagem e a relação do sujeito com a metáfora e a metonímia também são abordadas por Lacan (1956-1957) como formas de distinguir neurose e perversão. Partindo da comparação do *Caso Dora* e da *Jovem homossexual*, Lacan situa a neurose do lado da metáfora e a perversão do lado da metonímia. O sintoma como metáfora seria uma cifra a ser desvelada, uma questão que permitiria ao sujeito tentar situar seu lugar na ordem das trocas simbólicas. Já o sintoma como metonímia seria reflexo de um modo de lidar com a perda do objeto que faz com que o sujeito se coloque no lugar desse objeto, saturando a falta que sustenta o desejo do Outro.

A partir dessa estruturação metonímica em relação ao desejo do Outro, abre-se a possibilidade de pensar a diferença entre objeto fóbico e objeto fetiche. Tanto a fobia quanto a perversão são saídas imaginárias inventadas pela criança, na trama edípica, para lidar com a castração materna. Ambas, de modo distinto, desempenham uma função de proteção contra a angústia de castração.

Lacan, a partir do *Caso Hans*, mostra que a fobia se apresenta como solução provisória para proteger da mãe insaciável. O sujeito recua frente à constatação da falta na mãe, cristalizando um engodo que deveria ser passageiro: o de manter sua função fálica diante do desejo materno. No fetiche, por sua vez, o sujeito cria um objeto que responderia simbolicamente ao falo como ausente, restituindo à mãe o que lhe falta. O sujeito identifica-se e oferece-se a ela como falo, positivando um

objeto e garantindo o reencontro com ele. Tanto a fobia quanto a perversão são saídas imaginárias inventadas pela criança para lidar com a castração materna.

Do lado da fobia, diz Lacan, extraímos o “nada de saber” sobre a castração, que designa o recalque freudiano. Há um saber, mas esse não está à disposição do sujeito. Na fobia, é a eficácia do saber inconsciente que fabrica o sintoma. Do lado do fetiche, Lacan observa que a eficácia do sujeito se manifesta nesse substituto que ele erige para lhe apontar o ponto de verdade. O ponto de verdade, ao qual Lacan se refere, é o ponto onde se revela a castração como verdade do Outro (MARTINHO, 2011, p. 100).

No caso do “menino”, verifica-se que houve uma clara eleição de objeto. Ele escolheu as fraldas, sem nojo ou repulsa, demonstrando estar satisfeito com elas. Pode-se supor, então, até o momento, que ele estava fetichista, que estava em uma “posição perversa”.

A ideia de “posição perversa” remete à de fobia como placa giratória e à de perversão transitória, propostas por Lacan. Ambas são um artefato para lidar com a falta do Outro, representando um posicionamento temporário na constituição subjetiva. Assim, tanto a fobia quanto a perversão transitória não constituem uma “entidade clínica, mas uma ‘placa giratória’, que aponta para a escolha, sempre forçada, do caminho a ser tomado pelo sujeito” (*Ibid.*, p. 100), garantindo a estruturação de uma neurose ou de uma perversão.

Com base no exposto até aqui, vê-se que a ideia lacaniana de perversão parte da defesa contra a angústia de castração pela produção de um objeto de substituição. Sabe-se, porém, que não se pode tomar o fetiche como paradigma geral da estrutura perversa, pois Lacan ainda não havia estabelecido uma delimitação estrutural precisa desse tipo clínico. Suas afirmações remetiam mais às condições perversas do desejo neurótico, à perversão do fantasma em toda neurose, do que à perversão como estrutura clínica. É só na década de 1960, quando há uma releitura da perversão à luz da teoria do objeto *a*, que se pode propriamente falar de uma teoria lacaniana da perversão como estrutura.

A partir do *Seminário 10* (1962-63) e de “Kant com Sade” (1963), Lacan toma a fantasia sadiana como o protótipo da perversão e articula sujeito e gozo do Outro, mostrando que a diferença entre neurose e perversão está na estratégia de gozo. O neurótico supõe um Outro que quer sua castração; identifica sua falta com a demanda e goza disso. Já o perverso, para fazer coexistir o reconhecimento e o desmentido da castração, tenta restituir o gozo ao Outro, oferecendo-se ele mesmo como o objeto *a*.

O perverso não está na posição de sujeito dividido, mas na posição de *a*, mais-de-gozar, como objeto causa de gozo para o Outro. Com isso, ao se prestar como esse objeto, se faz de instrumento do gozo do Outro e desmente a falta de objeto. Como se dissesse: “o objeto não falta, olha aqui, sou eu, estou aqui para te fazer gozar” (MARTINHO, 2011, p. 134).

A estratégia de tentar reconduzir o gozo ao campo do Outro é facilitada pelo deslizamento do falo como função que obtura e sustenta a castração ao objeto *a* como capturador de gozo. Há, assim, na perversão, um deslocamento do desejo ao gozo. Trata-se de uma “operação que procura anular a via desejante tentando evitar o encontro com a falta e transpõe a causa de desejo em imperativo de gozo” (IUALE; LUTEREAU; THOMPSON, 2012, p. 88, tradução nossa). O desejo torna-se vontade de gozo e o sujeito, instrumento do gozo do Outro.

Assim, traços de perversão e práticas de gozo perverso não podem ser confundidos com a estrutura perversa propriamente dita. A perversão consiste em uma modalidade de laço entre o sujeito e o Outro, na qual o primeiro se oferece como instrumento de gozo do Outro. Portanto, para se estabelecer um diagnóstico de perversão é preciso considerar não só o sujeito, o Outro, o objeto *a* e a posição na fantasia, mas também a estratégia de gozo.

Após um período de férias, o “menino” retornou às sessões dizendo não usar mais fralda. Esse fetiche havia caído. E agora? Como lidaria com a falta do Outro? Como trataria a questão de ser um objeto para a mãe? O tempo de trabalho foi pouco para conseguir acompanhar o desenvolvimento dessas questões, pois os pais suspenderam os atendimentos logo depois de o filho ter deixado a fralda.

Nas poucas sessões que se sucederam, passou a envolver dinheiro nas brincadeiras. Adivinhar um enigma valia dinheiro, assim como ganhar no jogo da memória ou achar no tabuleiro as peças que sorteava. Fazia também chuva de dinheiro e ficaria rico aquele que pegasse mais notas. Queria ser milionário para ter uma casa só sua, fazer o que quisesse e “mandar em todo mundo”. O dinheiro era uma forma de deter poder e de acessar ao gozo.

Além disso, brincava tanto do que nomeava coisas de menino quanto de menina. Podia ser a Xuxa ou o vilão de um filme. Continuou, tranquilamente, às voltas com a questão da diferença sexual segundo o modo que lhe era peculiar. Afinal, havia um saber sobre a verdade, mas isso não o impedia de gozar como se não soubesse.

Ainda restava certa dúvida quanto ao diagnóstico estrutural do “menino”. Suas manifestações perversas poderiam ser apenas transitórias, e não reflexo de determinada estrutura clínica. Para saber sobre isso, era preciso verificar como a criança estava posicionada em relação ao desejo do Outro, qual significação atribuiu a esse problema.

Segundo Laurent (1984/1999), há três respostas possíveis para isso, as quais podem ser encontradas no ensino lacaniano e estão relacionadas ao fato de a criança ter ocupado a posição de objeto junto ao desejo do Outro. Essa posição é estrutural e estruturante, ou seja, toda criança, um dia, encarnou o objeto para o Outro. A questão é saber em qual dimensão está essa posição. No texto “Nota sobre a criança” (1969), Lacan estabelece dois possíveis posicionamentos: a criança como sintoma e a criança como objeto do fantasma da mãe, caracterizando, respectivamente, a neurose e a psicose. Há ainda uma terceira modalidade de resposta, a criança identificada ao falo da mãe, a qual Lacan coloca do lado da perversão.

Laurent (1984/1999, p. 14, tradução nossa) assinala que é preciso “ver em que sentido essa resposta da criança identificada com o falo da mãe pode ser uma perversão, dado que, mesmo com um sentido diferente, é comum à neurose e à perversão”. Deve-se, segundo o autor, superar a ambiguidade existente nessa afirmação de Lacan considerando que, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960), estabelece-se que a perversão inclui uma recuperação da função fálica e que, nessa estrutura, o sujeito é situado como instrumento de gozo do Outro, e não como causa de desejo.

Somente a fórmula do fantasma permite orientar-se na ambiguidade ($\$ \diamond a$), fórmula que inclui o objeto *a*, ou seja, que esse objeto se apresenta de tal maneira que inclui o falo. Se o falo não é incluído, coloca-se, então, no horizonte a questão da psicose. Por isso, deve-se precisar as ambiguidades dessa resposta [identificação ao falo da mãe] [...] considerando quando o gozo se apresenta de maneira tal que o sujeito se faz de instrumento de gozo do Outro [...] (LAURENT, 1984/1999, p. 15).

No caso em questão nota-se deslizamento do falo como função que obtura e sustenta a castração ao objeto *a* como capturador de gozo. Assim, é possível afirmar que se tratava do caso de um menino(*a*), que se oferecia como objeto na tentativa de restituir ao Outro o gozo perdido.

referências bibliográficas

- FREUD, S. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. VII, pp.117-231.
- _____. (1925) “A negativa”. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIX, p. 264-269.
- _____. (1927) “Fetichismo”. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXI, pp. 150-160.
- IUALE, L; LUTEREAU, L; THOMPSON, S. *Posiciones perversas en la infancia*. Buenos Aires: Letra Viva, 2012.
- LACAN, J. (1953-54) *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- _____. (1956-57) *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Versão brasileira de Dulce Duque Estrada e Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. (1962-63) *O seminário, livro 10: A angústia*. Versão brasileira de Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. (1963) “Kant com Sade”. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, pp. 776-803.
- _____. (1969) “Nota sobre a criança”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 369-370.
- LAURENT, E. (1984) “El niño y su madre”. In: *Hay un fin de análisis para los niños*. Buenos Aires, Colección Diva, 1999, pp. 13-21.
- MARTINHO, M. H. *Perversão: um fazer gozar*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- PRATES PACHECO, A. L. *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. São Paulo: Annablume, 2012.
- PEUSNER, P. *Fugir para adiante. O desejo do analista que não retrocede ante as crianças*. São Paulo: Agente Publicações, 2016.
- SAURET, M. J. *O infantil e a estrutura*. São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 1997.

resumo

O presente trabalho evidencia tanto a construção de um diagnóstico estrutural quanto de um caso clínico. A partir das concepções de neurose, perversão, fetiche, negação e estratégia de gozo, pretende-se, por meio da apresentação de fragmentos do atendimento de uma criança, construir uma hipótese diagnóstica. Seria um caso de perversão ou de uma “posição perversa” manifestada em um estrutura neurótica?

palavras-chave

Perversão; fetiche; caso clínico; criança; diagnóstico estrutural; *Verneinung*; *Verleugnung*.

abstract

From the conceptions of neurosis, perversion, fetish, negation, and the strategy of jouissance, it is intended through the presentation of fragments of a child's clinical case, to discuss the clinical structure of the subject in question. Would this be a case of perversion or that of a perverse position? The focus of the work, therefore, is both on the construction of the structural diagnostic and the clinical case itself.

keywords

Perversion; fetish; clinical case; structural diagnostic; *Verneinung*; *Verleugnung*.

recebido

10/02/2016

aprovado

16/04/2016